
COBERTORES AZUIS

De PAULO FONTENELLE DE ARAUJO

A ANTIGA GAROTA DE IPANEMA

De manhã andar pela praia de Ipanema é inspirador, mas quando anoitece e você está sozinha em um conjugado, sendo ainda recém- casada, a sensação é outra. Sobe dentro da gente um medo de perder o controle, desesperar por causa da porta do apartamento aberta. Mônica pensa assim e sai da cama para verificar a tranca da porta. Fechada. Ela respira fundo. A porta fechada garante a tranquilidade da sua noite até o marido voltar.

Amanhã Mônica caminhará pelo bairro, visitará a banca de flores na rua Visconde de Pirajá, achará o mundo que se enche de graça, como fala a canção. Um segredo que vem por causa do sol, do vento batendo nos rostos... Agora quando anoitece é diferente – pensa Mônica. O apartamento pequeno vira alvo de ladrão, do bandido que andou à espreita e quer entra pela porta principal... toda aberta.

Mônica levanta da cama novamente para averiguar a tranca. Talvez haja uma falha em todos os ferrolhos do mundo, talvez ela tenha aberto a porta pensando estar fechando e se não fechar neste momento... o prejuízo

será inevitável, porque o ladrão subirá as escadas. Trará uma flor, o malandro. O agrado não significará nada, pois ele levará tudo: as joias do seu porta-joias, os seus sapatos novos, as lembranças boas da cidade do Rio.

- Meu Deus... está fechado! A chave na fechadura...

Ah, o Rio de Janeiro nas manhãs do ano de 1963 vale uma canção. Na canção todas as mulheres do mundo devem ser amadas, porque todas são um pouco cariocas. Mesmo as casadas são cariocas, mesmo as nascidas em outra cidade que esperam a volta do marido depois das nove da noite. É preciso ter medo apenas depois da nove, porque a escuridão é um problema. Deixa os apartamentos abertos e as janelas faíscam; provocam as mulheres recém-casadas com 22 anos de idade. Surge uma aflição por não serem mais solteiras, quando as portas eram problemas da casa dos pais.

Agora os acessos pertencem as mulheres casadas e estão abertos. Eles abriram com o vento.

Mônica se levanta novamente para fechar o seu apartamento. Poderia empurrar o sofá. O bandido

entrará mesmo assim e qual será sua defesa de esposa, se mora no terceiro andar e não pode sair voando. O ladrão ignora a existência de esposas voadoras. Elas nem sabem girar ferrolhos, principalmente as garotas de Ipanema.

A porta está bem trancada, com duas voltas. Foi por acaso a tranca. Mônica não lembra quando fechou.

Amanhã a previsão é de sol no Rio. Um sol limpo cintilará no Morro Dois Irmãos. Mas o problema vem com a noite quando este apartamento alugado tão barato fica aberto. E fica aberto porque o aluguel é barato. Tudo tão claro.

O apartamento deve estar aberto- conclui Mônica e isso por causa do lixo de hoje, jogado na lixeira do prédio. Foi tanto lixo até algo sobrar: a porta suja e marcada. Ladrões não se incomodam com as portas do Rio de Janeiro, porque as portas sujas foram deixadas abertas pelas mãos das esposas recém- casadas.

Mônica se levanta no escuro. Já sabe o caminho. A porta está fechada. Trancada com a chave cujo chaveiro é um barquinho azul.

Já estamos na primavera do Rio de Janeiro. Isto

significa maridos na rua. Mônica decide retornar a cama, aumentar o volume do rádio e rezar. Toca a canção do "Lobo bobo". Mônica conclui: " Ah, minha reza foi tanta para a porta se abrir. É o fim!" O fim entrará sem bater. Não adianta esta certeza e Deus perdoará a sua pobre filha.

Mônica dos Santos morreu vítima de latrocínio, quinta feira, dia 08 de abril, último. Ela sempre amou os pais, casou por amor, porque o seu noivo parecia um lobo bom, embora depois da tragédia, do roubo seguido de morte, ele se casará com outra mulher, mais jovem, dona de chaves mais seguras... e sua primeira esposa se desmanchará...nem lembrança, nem canção.

- O que você faz debaixo dos lençóis? – pergunta o marido.

Mônica responde chorando:

- Eu não me casei pra ficar sozinha neste apartamento! Eu não sou uma porta aberta, bandido!

DESAPARECIDOS

Francisco, cinquenta anos, acordou cedo para realizar o exame, mas passou mal na cozinha. Seu filho Felipe, de

catorze anos, avisou depois que o pai caíra no chão. Esse mal-estar constante é fruto dos sintomas da ausência epilética que Francisco sofre desde do ano de 2003, mas ele acredita que as atitudes seguintes ao mal estar, como mexer no computador, falar bobagens ou querer sair do apartamento para lugar nenhum são resultados de algum problema psiquiátrico recente.

Os problemas se repetem de quinze a vinte dias. Francisco sempre diz para o neurologista que os remédios não resolvem. Na última consulta o neurologista respondeu que os remédios seguravam bem. Francisco ficou indignado com a conclusão e depois ficou pensando, segurar bem não seria evitar que ele desaparecesse para sempre?

Desaparecer para sempre. O metrô de São Paulo e a família colocam a foto do sumido em uma tela dentro dos vagões, na esperança de que alguém possa dar uma pista: **José da Silva, vinte e cinco anos, morador do bairro da Liberdade. Foi visto pela última vez há três anos em 01 de janeiro de 2020 na estação Sé do metrô.** Falta perguntarem: “Para onde será que foi esse homem? Será que deixou de tomar os remédios que o seguravam? Será que foi abduzido por extraterrestres? Será que não se

evaporou simplesmente, pois o ar de uma cidade como São Paulo tem uma grande capacidade evaporativa?”

Francisco, cinquenta anos, vive do aluguel de três casas de sua propriedade, acordou para realizar um exame de sangue e urina, mas sofreu uma ausência epilética e caiu na cozinha. Quem o ajudou foi o seu filho adolescente de catorze anos que um dia poderá dizer: “Papai, o senhor saiu totalmente da cena!”

Francisco torce para que esse “sair totalmente de cena” não ocorra de um jeito absurdo e possível: mais do que sumir fisicamente; desaparecer da sua cabeça o que há de memória, espalhar todos os indícios de um mal de Alzheimer.

Francisco perdeu muito da sua memória, mas ela ainda está aqui. Caminha por uma estrada de tijolos coloridos, apesar das bobagens que parece falar. Às vezes, Francisco também vê pregados nos postes do centro da cidade de São Paulo, além das telas do metrô, cartazes de pessoas desaparecidas sendo procuradas pela família. Ninguém avisou que estas pessoas não irão mais aparecer; os homens foram evaporados pelos raios gama de armas